

MEIO AMBIENTE ÉTICA E RELIGIÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

HÉCTOR RICARDO LEIS'

RESUMO: Nos últimos tempos, a relação entre a ética, a religião e os problemas ambientais tem interessado em forma crescente ao público em geral, acadêmico e leigo. Em virtude do espaço disponível, não posso aprofundar-me aqui em todos os elementos e níveis teóricos que caracterizam esta relação. A compreensão de que a relação homem-natureza é um ponto central das problemáticas ética e religiosa deve ser assumido como um dos maiores progressos da história do homem contemporâneo. Isto representa unia expansão e recuperação dramática da consciência sobre a condição humana.

PALAVRAS - CHAVE: Compreensão, Homem, Natureza, Virtude do espaço.

ABSTRACT: In recent times, the relationship between ethics, religion and environmental problems has interested in increasing the general public, academic, and lay. Because of space available, can't dig me here all evidence and theoretical levels that characterise this relationship. Understanding that the man-nature relationship is a central point of ethical and religious issues should be taken as one of the greatest progress in the history of contemporary man. This expansion represents and dramatic recovery of consciousness about the human condition.

KEYWORD: Understanding, Man, Nature, because of space.

A consequência primeira da crise ecológica é a necessidade de integrar o que foi disperso pelos séculos anteriores, especialmente em relação à ciência, a religião e a ética. A vulnerabilidade da natureza convoca a inesperadas dimensões da responsabilidade que deixam ao descoberto o vazio ético e religioso de nossa época. Esse impasse obriga a pensar numa ampliação de nossa reflexão que crie as condições (que hoje não existem) para os seres humanos se sentirem moral e espiritualmente envolvidos com a natureza. Esse envolvimento só pode basear-se

no amor. Dada a complexidade e diversidade dos valores e interesses envolvidos nos problemas ambientais, torna-se inviável afirmar uma ética apenas sobre bases racionais e/ou utilitaristas. Considerando que unicamente os seres humanos são racionais, assentando a ética ambiental sobre o amor podemos ir além a lógica que exclui de sua competência a todos os seres vivos não-racionais. Nossa época nos obriga a jogar fora as certezas ideológicas que narcotizam. Perdidas essas certezas resta o amor, entendido como relacionamento gratuito com e entre os seres humanos e não-humanos para que cada um deles realize sua finalidade em liberdade.

I.

Nos últimos tempos, a relação entre a ética, a religião e os problemas ambientais tem interessado em forma crescente ao público em geral, acadêmico e leigo. Em virtude do espaço disponível, não posso aprofundar-me aqui em todos os elementos e níveis teóricos que caracterizam esta relação. Portanto, minha visão se colocará mais próxima do ethos e da praxis do ambientalismo que de uma ética ou urna religião ecologizadas³. Estas últimas exigiriam visões teóricas únicas e/ou homogêneas para os problemas ambientais, o qual contradiz a diversidade dos valores e práticas do ambientalismo realmente existente.

A compreensão de que a relação homem-natureza é um ponto central das problemáticas ética e religiosa deve ser assumido como um dos maiores progressos da história do homem contemporâneo. Isto representa unia expansão e recuperação dramática da consciência sobre a condição humana. Está fora de dúvida que a presença do ambientalismo no cenário internacional tem impulsionado o debate ético e religioso sobre o meio ambiente. Porém, uni exagerado (e talvez inevitável) caráter normativo do ambientalismo quando sua emergência histórica, nos anos 60 e 70, lhe fez introduzir no debate público posições muito reativas ao senso comum preexistente, produzindo polarizações e visões dicotômicas nem sempre recomendáveis. Nessa fase, marcada por atores provenientes dos campos científicos e não-governamentais, foi freqüente a

colocação das posições ecológicas numa luta maniqueísta contra unia serie de valores e comportamentos negativos. De um lado ficavam assim o espectro formado por posições biocêntricas, preservacionistas, românticas (de retorno à natureza), e do outro o espectro do antropocentrismo, do utilitarismo, da "conquista da Natureza", etc. Esse maniqueísmo, embora funcional ao crescimento do ambientalismo num primeiro momento, passou posteriormente a ser contraditório com sua evolução e foi sendo progressivamente abandonado quando este ingressou, nos anos 80, em unia fase claramente multissetorial, após os ingressos de atores que provinham não apenas do setor da sociedade civil, mas também da política e da economia.

A rigor, o maniqueísmo não é compatível core a emergência de um ambientalismo que afeta e envolve ativamente a um amplo espectro de atores com interesses e valores diversos. É fundamental compreender que o papel principal do ambientalismo não é tanto proteger a natureza, mas procurar equilibrar as polaridades e contradições existentes na nossa civilização, por serem estas em última instância, as verdadeiras causas da crise ecológica. A rigor, o ambientalismo se constitui na procura do "justo meio" entre os diversos radicalismos existentes. Ele se coloca no meio de visões que, paradoxalmente, acabam sendo equivalentes, já que os radicalismos sempre se apóiam na suposta incapacidade dos seres humanos para alcançar o bem comum a partir de uma visão ética e/ou religiosa surgida da intimidade de sua consciência, devendo então recorrer a condicionantes e meios instrumentais externos. Em outras palavras, o ambientalismo não apela nem confia em soluções técnicas ou em determinismos históricos para cuidar da natureza. Pelo contrário, ele apela e confia em mudanças de comportamentos e de atitudes básicas dos seres humanos.

II.

As vertentes que compõem o ambientalismo ganham sentidos e alcances diversos de acordo com a forma de cada uma assumir o complexo vínculo estabelecido entre a sociedade e a natureza. Este vínculo pode ser analisado através de um quadro de quatro entradas que discrimine e combine os valores e as práticas associados, tanto às relações entre o homem e a natureza, como às relações entre o homem e a sociedade. Embora conhecendo os riscos das

tipologias, a fim de perceber melhor a complexidade do *ethos* e da *praxis* do ambientalismo, organizei um quadro que não aspira tanto classificar de forma precisa tudo o que existe, mas a mostrar as principais tendências, ressaltando sua fluidez, circulação interna e sentido de sua evolução global.⁴ Neste quadro interessa ver qual é a maior ou menor aproximação e identificação dos valores e práticas dos seres humanos com as perspectivas definidas por dois princípios gerais, com capacidades equivalentes e complementares para orientar e organizar esses universos de relações. Esses princípios são o de inclusão (ou integração), por um lado, e o de exclusão (ou separação), por outro. Combinando as dimensões da sociedade e da natureza com esses dois princípios, se obtém quatro subdivisões (categorizados simbolicamente com letras gregas, para sua melhor identificação como partes de um todo).

Relação Homem-Natureza	Princípio de Exclusão:	Princípio de Inclusão:
Relação Homem-Sociedade	Antropocentrismo	Biocentrismo
Princípio de Inclusão: Comunitarismo	"beta"	"delta"
Princípio de Exclusão: Individualismo	"alfa"	"gama"

• Quadro das tendências do *ethos* e da *praxis* do ambientalismo

O eixo antropocêntrico das categorias "alfa" e "beta" enquadra aquelas posições que por oposição ao eixo biocêntrico de "gama" e "deita", defendem valores e atitudes que privilegiam à espécie humana e, portanto, estabelecem uma forte distância valorativa entre o homens e a natureza. Inversamente, o eixo oposto agrupa as posições que defendem uma maior aproximação entre esses elementos. Do mesmo modo, o eixo individualista de "alfa" e "gama" postulam a prioridade do indivíduo e, portanto, uma maior distância valorativa entre este e a sociedade, que aquela que pode encontrar-se no eixo comunitário ou coletivista de "beta" e "deita", orientado para unia maior integração dos indivíduos na sociedade. O cruzamento desses eixos

permite combinar as características mencionadas e cobrir o amplo espectro das tendências do ambientalismo. Assim, "alfa" faz referência a valores e práticas orientadas numa direção que enfatiza aspectos individualistas e antropocêntricos; "beta" privilegia uma perspectiva antropocêntrica e comunitária; "gama" se direciona prioritariamente de um modo biocêntrico, ainda que individualista; e "delta" prioriza aspectos biocêntricos e comunitários.

"Alfa" não tem a necessidade de imaginar uma postura ética ou religiosa radicalmente nova. Ela introduz o fator ecológico como uma adjetivação branda que lhe permite, praticamente, ser a "porta de entrada" dos atores dominantes do sistema econômico e político que manifestam preocupações ambientais. Vale a pena chamar a atenção para o fato paradoxal que, não obstante ser essa a vertente mais próxima dos valores e práticas dominantes na sociedade, dentro do ambientalismo ela tem emergido e crescido tardiamente, principalmente a partir dos anos 80. A tendência "alfa" pressupõe que os descobrimentos da ecologia e a emergência do ambientalismo demandam, simplesmente, pensamentos e atitudes melhor informados e precisos, para ampliar e complementar os já existentes direitos e obrigações morais. Segundo essa vertente, o papel do ambientalismo é mostrar ao homem suas responsabilidades (antes ignoradas) em relação ao meio ambiente. Se os direitos e obrigações morais que se referem à vida, à saúde, à justiça, etc., são atualizadas ecologicamente, o próprio interesse egoísta do homem o levará a se preocupar com o meio ambiente como um modo de autopreservação. Um suposto básico de "alfa" é assumir que não existem valores e motivações fora de uma perspectiva individual e antropocêntrica e que, portanto, é a única vertente realista. Esse realismo tem levado a alguns autores a defender uma estratégia para sair da crise ecológica, chamada de "bote salva-vidas", que constrói um perigoso cenário político hobessiano onde, praticamente, só os países (e implicitamente os indivíduos) mais ricos e poderosos teriam direito a salvar-se.

A vertente - "beta", ainda que mantendo uma orientação antropocêntrica, prefere a cooperação à competição dentro da sociedade, manifestando assim sua divergência principal com "alfa". Essa visão mais comunitária recebe às vezes o nome de ecologia social. Em relação ao realismo anterior se percebe aqui certa distância crítica de caráter mais utópico.

Já vimos que um pressuposto de "alfa" era que o cálculo egoísta, informado ecologicamente, servia perfeitamente para orientar nosso comportamento. Aqueles que se identificam com "beta", ainda que não reconheçam a necessidade de ter posições tão radicais como os que se alinham na variante biocêntrica, reivindicam a necessidade de mudar todos os valores associados ao individualismo, considerado responsável direto pela crise ecológica. Segundo eles, o ambientalismo é incompatível com a lógica de competição inerente ao individualismo. A crítica aqui não apenas atinge o capitalismo, estendendo-se também à economia de escala hipertecnológica, à racionalidade instrumental, ao sistema patriarcal e ao conjunto de relações que estabelecem hierarquias ou desigualdades entre os seres humanos (sejam de classe, gênero, raça, idade, etc.). "Beta" não criticará apenas "alfa", como também o biocentrismo em geral, por sua suposta incapacidade de reconhecer que a harmonização homem-natureza não pode ser independente da harmonização das relações sociais, correspondendo a prioridade a estas últimas.

O biocentrismo é responsável não apenas por ter atraído muito a atenção pública para questões ambientais e introduzido com veemência temas ecológicos no debate de idéias, senão por ter inspirado a criação de um enorme número de organizações não-governamentais conservacionistas. Nesse sentido, se pode dizer que "gama" foi uma das tendências mais expressivas dos anos 60 e 70, quando eram essas organizações as que davam a orientação principal ao ambientalismo. A vertente "gama" pretende a constituição de uma ética ecológica em um sentido forte. No entanto, por suas características, ela apresenta alguns problemas interpretativos, especialmente no cruzamento com a relação homem-sociedade. Esta relação tende a descaracterizar-se em função do desinteresse da mentalidade biocêntrica pela problemática social, impedindo assim determinar claramente qual é a orientação principal, se a individualista ou a comunitária. O particular biocentrismo de "gama" pode associar-se claramente às muitas entidades existentes, em todo o planeta, preocupadas com a vida da flora e da fauna, assim como com a "liberação" e/ou a defesa dos direitos individuais dos animais. Mas a análise se complica com as posições conhecidas pelo nome de ecologia profunda (*deep ecology*), cujos defensores adotaram esse nome para distinguir-se das posições de "alfa" (entendidas por eles

como "ambientalismo superficial"). Em geral, os ambientalistas da *deep ecology* reivindicam o valor inerente da natureza e a igualdade das espécies dentro da comunidade biótica, circunstância que poderia abrir-lhes a possibilidade de serem enquadrados em "delta". Mas, ainda que a *deep ecology* submeta a severa crítica o conceito do "ego" (e por extensão ao individualismo) predominante na cultura atual, não se pode ignorar o fato de que sua proposta de auto-realização humana é acompanhada por uma relativa incapacidade para equacionar os problemas da natureza com os da sociedade. Esta incapacidade encontra bons exemplos em algumas entidades ambientalistas dos países reais desenvolvidos que expressam uma clara ordem de prioridades, colocando os problemas das populações dos países pobres, e, portanto as relações da comunidade humana como um todo, muito depois dos problemas das florestas. Considerando que as posições da *deep ecology* têm levado a prestar pouca ou nenhuma atenção às questões sociais e políticas, assumindo assim indiretamente o individualismo dominante na sociedade, parece razoável, portanto, enquadrá-las em "gama".

A vertente "gama" constitui um avanço evolutivo em direção a um maior equilíbrio dos vários aspectos envolvidos nas relações homem-natureza-sociedade, especialmente daquele oferecido pelo antropocentrismo de "alfa", mas estabelece um certo impasse em relação ao progresso obtido por "beta". Nesse sentido, é fundamental observar que "gama" e "beta" se desenvolvem por linhas diferentes, ambos enriquecem suas visões por um lado, mas as empobrecem por outro. Assim como as expressões que se enquadram em "alfa" radicalizam o princípio da exclusão em ambas as dimensões (na natureza e na sociedade), as de "beta" questionam esse princípio apenas na sociedade e, inversamente, as de "gama" o questionam apenas na natureza. Da perspectiva deste trabalho, embora "beta" e "gama" representem momentos evolutivos que se distanciam igualmente da posição dominante de "alfa", todas estas vertentes devem ser qualificadas como incompletas (e o mesmo haverá de acontecer com "delta", ainda que esta represente um momento evolutivo de grande complexidade).

As três tendências apresentadas até o momento encontram na ciência argumentos válidos para se apoiar. Embora o realismo e o

positivismo sejam ainda dominantes no campo das ciências, o qual outorga a "alfa" unia aparente maior legitimidade, são cada vez mais abundantes as hipóteses, surgidas de novos paradigmas e/ou de raízes transdisciplinares ecológicas, que contrariando as verdades estabelecidas justificam a importância dos pressupostos de "beta" e "gama". Por outro lado, parece evidente que o envolvimento do ambientalismo com questões objetivas e urgentes recomendam fortemente sua compatibilização com as ciências. Mas isto, obviamente, não quer dizer que a ciência tenha verdades únicas para oferecer e, portanto, que o ambientalismo deva subordinar-se a ela. O ambientalismo não poderia expandir-se afirmando valores anti-científicos, mas a humanidade tem a ciência que corresponde a sua condição civilizatória e não vice-versa. Em consequência, assim como o *ethos* e a *praxis* dominantes no mundo contemporâneo são individualistas e antropocêntricos, do mesmo modo as academias de ciência são bem "disciplinadas" e ainda se interessam pouco pela integração transdisciplinar das leis que regem a matéria, a vida, a sociedade e a mente. A evolução da humanidade deverá então ser acompanhada pela "despositivização" da ciência, através de um equilíbrio maior entre inteligência e intuição, entre os valores materiais e espirituais.

Passemos agora a "delta". Esta vertente é mais complexa que as anteriores porque sua dupla característica biocêntrica-comunitária contraria abertamente o realismo dominante na sociedade. "Delta" é uma vertente fortemente espiritualizada, muito próxima de unia cosmovisão pré-moderna, em contraste com as outras que sintonizam melhor com a época moderna. "Delta" se inscreve mais dentro das tradições religiosas ou filosóficas do que na ciência, porque define valores e comportamentos próprios de uma concepção finalista (teleológica), que contrariam aspectos inegáveis do imediatismo da vida moderna. Embora o ambientalismo de "delta" possa alcançar alguma expressividade através de concepções e práticas monásticas e/ou de vida comunitária, certamente esta vertente tem poucas condições de projetar-se de forma significativa dentro do contexto civilizatório atual. Uma ética inspirada na fraternidade e na igualdade, de aplicação tanto na sociedade como na natureza,

exige uma temperança e um sacrifício à altura das palavras de Cristo rio *Sermão da Montanha*. Esta vertente se coloca claramente na contramão do processo de secularização moderno na medida em que reivindica o caráter sagrado de todos e cada um dos seres deste mundo, e portanto a necessidade de unia total preservação de indivíduos e ecossistemas. Embora "deita" tenha raízes antigas, a aproximação explícita do ambientalismo com a teologia vem acontecendo a partir dos anos 80. Uma última observação interessante sobre esta vertente é que ela pode encontrar um terreno propicio para seu desenvolvimento no Terceiro Mundo, tanto em função da importância do vínculo entre os problemas sociais e ambientais, como pela evidente maior religiosidade e demanda de justiça social por parte das populações desses países, comparadas com as dos países desenvolvidos.

III

A complexidade e riqueza do *ethos* e da *praxis* do ambientalismo obrigam a pensar uni principio superior que possa dar um sentido comum e permitir a sinergização recíproca das quatro vertentes apresentadas. Parafraseando a Teilhard de Chardin (1956), diria que o ambientalismo se resume em "ômega", entendido como o estado de consciência que ilumina o múltiplo e único caminho evolutivo (material-espiritual e social-natural) da humanidade. Corno princípio fundamental. "ômega" não suporia a hegemonia ou prioridade de determinados modelos, valores ou práticas, senão o equilíbrio e integração entre todas elas. "Ômega" deve assumir-se como um núcleo de inteligibilidade para o eterno movimento de diversificação e unificação que opera na realidade, que permite compreender a superioridade evolutiva da cooperação e complementação em relação à oposição e o conflito.

Em um sentido forte, "ômega" é simplesmente amor. Não se trata tanto de conseguir unia coisa ou outra no plano da realidade material, trata-se antes de superar todas as fronteiras criadas artificialmente pelos diversos reducionismos do homem contemporâneo. O que faz que a questão ambiental seja muito mais vital que qualquer outra não é nenhuma pretensa hierarquia dos problemas

ecológicos em relação ao resto, mas sua força para colocar-nos frente a um dilema civilizatório que ultrapassa qualquer reducionismo. A humanidade tem criado um mundo cheio de fronteiras entre os homens, entre os povos e entre as espécies. Mas não estou dizendo que não existam as fronteiras nem que elas sejam unicamente subjetivas. As fronteiras demarcam a todos os seres deste planeta, mas não por isso elas são intransponíveis ou definitivas. Essa visão da fronteira como restrição não se constitui a partir da realidade objetiva. Essa é unia fronteira inventada e artificial, própria da subjetividade do homem atual, que só sabe ficar de um lado ou de outro, mas nunca nos dois. Precisamente, as fronteiras são a condição necessária (mas não a suficiente) para a existência do amor. O amor existe quando as fronteiras são reconhecidas e traspassadas simultaneamente. A vida, que os humanos compartilham com uma infinita quantidade de outras espécies (talvez até de outros planetas), não pode ser codificada apenas em termos econômicos ou políticos. Precisamos competir guerrear e discutir para sobreviver dentro de nossas fronteiras, mas precisamos amar para viver no mundo.

Amar não é dar a outra face, nem nivelar a todos os seres dentro de qualquer utopia universal. Pelo contrário, amar supõe perigos, riscos, aventuras. O amor é unia aventura no sentido mais estrito do termo. Jamais na história da humanidade tivemos acesso à enorme quantidade de informação que hoje nos oferecem as ciências. Mas também nunca o pensamento da humanidade foi tão simplificado. Talvez o erro mais grave de nossa civilização seja que cada vez pensamos mais com a cabeça e menos corri a alma. Portanto, os desafios ambientais devem ser colocados no contexto de um esforço abrangente onde possam convergir os conhecimentos e as práticas baseados no domínio técnico da natureza com as vivências da filosofia, da religião, da arte, e até do senso comum. Além de aprender a rir daqueles homens que querem voltar ao paraíso a custas da natureza, a humanidade deve aprender a amar para poder desenvolver valores e práticas para uma ativa cooperação entre atores com interesses e visões diferentes e até contraditórias.

Considerando que unicamente os seres humanos são racionais,

assentando o ambientalismo no amor é possível ir além o antropocêntrico racionalismo contemporâneo que exclui como sujeitos de direito a todos os seres vivos não-rationais. É verdade que o valor intrínseco da natureza não pode ser afirmado independente dos seres humanos. Porém, a natureza não é o que nos rodeia, mas a vida que nós recebemos. A natureza é aquilo do qual não podemos prescindir, esse é seu valor. Na medida em que os seres humanos a maltratam e continuam existindo, alguém poderia argumentar que ela não é realmente necessária para nossa existência. Os seres humanos provêm de um longo processo natural e cultural, cujas pautas evolutivas estão afirmadas na potencialização do conjunto dos fatores naturais e culturais existentes. A eliminação e/ou degradação de uma parte desses fatores supõe, portanto, um caminho involutivo. A crise ecológica tira da humanidade as certezas ideológicas que a narcotizam. Perdidas essas certezas e demonstrada a inutilidade e/ou perversão das utopias futuristas, resta o amor, entendido como relacionamento gratuito com e entre os seres humanos e não-humanos para que cada um deles realize sua própria finalidade.

Porém, o amor não depende de nenhuma ação ou decisão voluntária. De fato nossa civilização encontra-se hoje num impasse, do qual não é possível prever quando, como e para onde será sua saída. Pessoalmente, não acredito na capacidade de aprendizagem puramente intelectual dos seres humanos. De modo geral, as verdadeiras mudanças (as profundas, não as superficiais) derivam de uma experiência vital que compromete integralmente a existência humana. Mais que uma aprendizagem, nesses casos, temos conversões. E disso se trata em relação à eventual reversão dos rumos da crise ecológica atual. Para a humanidade recuperar o caráter sagrado de todos os seres que habitam o planeta (e o Universo) deve esperar uma conversão. E as conversões não se preparam, acontecem. Em todo caso, como uma forma de aproximar-nos a este evento axial, me atrevo a reproduzir um fragmento de Heráclito: "Se não souberes esperar, não encontraras o inesperado, pois é contradição e de difícil acesso". Saber esperar é abrir-se para o amor.

⁴ Para maiores detalhes sobre o quadro que virá a seguir ver: Leis (1996. cap. V).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEIS, Hector R. *O Labirinto: Ensaio sobre Ambientalismo e Globalização*. São Paulo. Gaia. 1996.
- THEILHAR1) DE CHARDIN. P. *The Phenomenon of Man*. Londres. Collins. 1956.
- VAZ. H. C. de Lima. *Escritos de Filosofia 11*. São Paulo. Loyola. 1993.

Hector Ricardo Leis. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (Caixa Postal 5212. CEP 88040-970. Florianópolis SC). 'Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (Caixa Postal 5212. CEP 88040-970. Florianópolis SC).

³ De acordo com Vaz (1993). o vocábulo grego *ethos*, em uma primeira acepção, designa a morada do homem, no sentido daquilo que é próprio ao ser humano. A metáfora da morada -segundo Vaz- sugere precisamente que, a partir do *ethos*, o mundo torna-se habitável para o homem. Esta morada se constrói a partir dos costumes, das normas, dos valores e das ações humanas. Neste sentido, se *o ethos* não é dado ao homem, mas construído por ele, *a praxis*. entendida como unia prática consciente de seus alcances, torna-se essencial em época de crise.